

O FUTEBOL NA OBRA DE UM ENSAÍSTA: GILBERTO FREYRE E O IDEAL DA INTEGRAÇÃO RACIAL

THE SOCCER FROM AN INTELLECTUAL POINT OF VIEW: GILBERTO FREYRE AND THE IDEAL OF RACIAL INTEGRATION

André Mendes Capraro*

RESUMO

O presente artigo analisou os textos de Gilberto Freyre acerca do futebol. Constatou-se que o ensaísta usou deste elemento cultural como reforçador da sua tese sobre o Brasil e o modelo perfeito de integração racial. A conclusão geral foi que Freyre, por não ter muito conhecimento a respeito do futebol, influenciou outros intelectuais – como José Lins do Rego e, principalmente Mario Filho –, a conceber tal esporte no Brasil como uma comprovação empírica do seu modelo teórico.

Palavras-chave: Futebol. Gilberto Freyre. Brasilidade.

I

A produção de Gilberto Freyre é vastíssima, constituindo-se de dezenas de livros e prefácios, centenas de ensaios, artigos e matérias de jornal. Por isso não se tem, neste artigo, a (ousada) finalidade de debater a teoria geral freyreana, mas pretende-se apenas explicitar a tese central da obra de Freyre, com vista, primordialmente, a compreender como o futebol era concebido pelo autor, para, ao findar, poder-se entender como o futebol foi assimilado por cronistas que eram próximos desse ensaísta.

Gilberto Freyre nasceu em Recife, em 1900. Filho de professor, Gilberto foi estimulado desde cedo a estudar, e aprendeu latim e inglês ainda menino. Após concluir seus estudos básicos em Recife, foi para os Estados Unidos, onde estudou Ciências Políticas e Sociais. Em Columbia (NY) teve aulas com Giddings e Alfred Zimmerman e com o renomado antropólogo Franz Boas (FREYRE, 1999, p. xi).

Em 1933 Freyre publicou seu livro mais conhecido, *Casa-Grande & Senzala*. A obra apresentava um forte caráter ensaístico, pois, apesar de ser fruto de uma criteriosa pesquisa de fontes e de uma consistente bibliografia, era notória a preocupação do autor com a estética literária – diferindo bastante da escrita científico-acadêmica –, além do tom

memorialista, que partia das próprias reminiscência do autor (FREYRE, 1999, p. xi-xii).

O mais significativo é que a obra apresentava uma tese sociológica inédita, contrariando as teorias eugenistas pregadas por alguns intelectuais da Região Sudeste, como Oliveira Vianna e Sílvio Romero, fortemente influenciados por teóricos europeus – como Francis Galton e José Ingenieros – predominantes na época (SCHWARCZ, 2002). *Grosso modo*, explicitava Freyre que o Brasil era o exemplo ideal em se tratando de raça, porque no país houve uma completa (e relativamente pacífica) integração racial, iniciada com o sistema patriarcal típico do espaço rural brasileiro do século XVIII.

Nas casas-grandes foi até hoje [década de 1930] onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro: a nossa continuidade social. No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro

* Doutor. Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em História – UFPR.

meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos (FREYRE, 1999, p. ixv).

Assim, para o ensaísta, os três componentes raciais da sociedade colonial – o português, o índio e o negro – no convívio dentro do espaço rural da casa-grande e senzala, estabeleceram formas próprias de sociabilização. Da benevolência e organização dos lusos, na forte sexualidade e submissão do negro e na amistosidade e ingenuidade do índio emergiria o “verdadeiro” indivíduo brasileiro: o mestiço. Com este surgiria, também, a principal característica formadora da identidade nacional: o mulatismo – o jogo de cintura, a malandragem, a impulsividade e o afeto.

O macromodelo sociológico formulado por Freyre era polêmico, por isso suscitou (e ainda suscita) muitas críticas – embora todas as suas obras, principalmente *Casa-Grande & Senzala*, logo após o seu lançamento, tenham sido muito bem recebidas pelos críticos literários de todo o Brasil (MARANHÃO, 2004).

O maior debate foi (e é) acerca do valor acadêmico e, sobretudo, histórico e sociológico das suas obras. O autor de *Casa-Grande & Senzala* estabeleceu uma narrativa romanceada, com pouquíssimas citações diretas e, principalmente, cheia de juízos de valor (vários críticos afirmaram que Freyre falava de dentro da própria casa-grande), com certeza, pouco se adequando ao modelo historiográfico predominante no Brasil nas primeiras décadas do século (MALERBA, 1996). Por outro lado, esse tom de ensaio, que iria se tornar cada vez mais comum nas décadas subsequentes, não invalidou a sua condição de obra pertencente ao campo acadêmico (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 148-161). A discussão se estabeleceu exatamente porque Freyre, propositalmente, rompeu com o rigor da escrita acadêmica, trilhando o caminho tênue entre a literatura (ficção) e a Sociologia e História. Destarte sua obra é gênero de *fronteira*, constituindo-se, em sua maioria, de ensaios de cunho sociológico.

Prova é esta interessante análise comparativa entre a obra de Freyre e a de Holanda (1995).

[...] poderíamos dizer que Sérgio Buarque de Holanda faz, em sua obra, uma história sem dúvida “diferente” para o seu tempo. Uma história social, na qual é o cultural a janela de entrada, que tece e retece formas de ser, sensibilidades, visões de mundo, mentalidades.

[...] Desde *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1936, Freyre havia estabelecido uma espécie de marco quanto à interpretação do Brasil ao positivar a herança mestiça que maculava a identidade nacional. Por outro lado, como se afirma no prefácio de *Interpretação do Brasil*, em 1947, Freyre não só viera a “ampliar a história na sociologia, como também a sensibilizar mais humanamente a sociologia ao contato direto e constante da história”.

Um sociólogo que se faz historiador, um historiador que se faz sociólogo, ambos a discutir a cultura do Brasil. Fronteiras que se franqueiam, a abrirem a possibilidade do diálogo das duas histórias sobre o nacional (PESAVENTO, 2002 apud CHIAPPINI; BRESCIANI, 2002, p. 32-33).

Não obstante, mesmo definida e aceita como ensaio de cunho sociológico, a teoria de Freyre também sofreu severas críticas quanto ao conteúdo e à formulação de ideias. A mais evidente era a de que o modelo explicativo freyreano tinha uma delimitação espacial bastante definida: a região do sertão nordestino, e como tal, não poderia ser generalizada a todo o Brasil (BRESCIANI, 2002 apud CHIAPPINI; BRESCIANI, 2002, p. 48).

Outra questão pouco evidenciada na produção de Freyre – até porque não era tão acentuada na Região Nordeste – foi a imigração. De meados do século XIX até as primeiras décadas do XX, vários grupos de imigrantes se estabeleceram no Brasil (OLIVEIRA, 2001), mas Freyre mencionou pouco estas comunidades étnicas, estabelecidas principalmente nas regiões

Sul e Sudeste, o que reforça as críticas de que seu modelo explicativo só era referência para a compreensão sociológica da Região Nordeste: “Não se podem ignorar as críticas feitas a Gilberto Freyre, sendo a mais comum a que diz respeito ao seu narcisismo, em perpétua identificação com seus próprios antepassados, além de um certo ufanismo idealizador do Brasil como uma sociedade harmoniosa” (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 157).

Mesmo em se tratando da Região Nordeste, Freyre foi acusado de ignorar um fenômeno muito importante, predominante desde o final do século XIX até o século XX: o vertiginoso processo de urbanização, fenômeno que ocorria tanto no âmbito nacional (PESAVENTO, 2002; OLIVEIRA, 2002), quanto no mundial (SENNETT, 2001; SEVCENKO, 2001). Tal crítica foi aceita por Freyre e atenuada a partir da publicação do segundo livro da trilogia, *Sobrados & Mocambos*, publicado em 1936, obra que ampliava (inclusive temporalmente) a sua tese central, a do ideal da integração racial no Brasil, mudando o foco de análise do espaço rural para o espaço urbano e o recorte temporal para o século XIX. A última obra da trilogia foi *Ordem e Progresso*, publicada somente em 1959, na qual Freyre tentava associar a transição da sociedade patriarcal para o sistema de trabalho livre (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 146). Mesmo tentando preencher esta lacuna, Freyre, por outro lado, não conseguiu se desvincular do espaço delimitado, a Região Nordeste, já que os sobrados e mocambos eram as moradias típicas das cidades nordestinas.

Ressalta-se, sobretudo, que, mesmo sendo constantemente geradora de polêmica e criticada, a teoria de Gilberto Freyre deve ser supervalorizada como difusora de um modelo interpretativo, e desta forma é o cerne de um ideal amplamente aceito, o qual contribuiu para a construção de uma identidade nacional:

De qualquer modo, como herdeiro de uma tradição elitista que buscava na miscigenação a identidade do homem e da nação brasileiros, Freyre foi um dos principais construtores do imaginário coletivo que legitimou e preservou uma modernização conservadora, fundada

em um passado patriarcal e escravocrata (RIBEIRO, 2003, p. 6).

No caso da presente pesquisa, o interesse maior era compreender como as ideias de Freyre foram assimiladas e depois difundidas tendo como referência empírica o futebol. Segue-se, então, a sugestão dada por duas pesquisadoras da obra de Freyre:

Um último ponto refere-se a certas críticas endereçadas a Gilberto Freyre, especialmente aquelas que o consideram conservador por ter proposto uma visão de continuidade da sociedade brasileira, representada pela família patriarcal que mantém a capacidade de deter mudanças mais estruturais. Devemos proceder a uma leitura crítica e contemporânea da obra de Gilberto Freyre e buscar um afastamento dos preconceitos recorrentes. A atitude mais adequada, diante de uma obra clássica como essa, é problematizar, reconstruir e desconstruir os percursos teóricos e empíricos ali presentes (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 160).

Não se trata aqui, então, de supervalorizar o objeto (futebol) ou do autor (Freyre), mas sim, de explicitar a importância do ensaísta enquanto fomentador no campo intelectual e artístico brasileiro, importância que o tornava capaz de auxiliar na reorientação da funcionalidade do futebol, adequando-o à representação de nacionalidade vigente na sua época. Destarte, entendem-se os escritos de Freyre, mais do que qualquer outra coisa, como um relevante capítulo da história, ou seja, um conjunto de ricas e complexas fontes históricas, “pronto” para ser analisado.

Como se verá a seguir, o futebol, gradativamente, passa a ser um dos elementos empíricos fundamentais para a comprovação da teoria freyreana da integração racial no Brasil e, conseqüentemente, para a criação de uma identidade brasileira pautada na malandragem e no “jogo de cintura”. Se pensado o conjunto da obra, o futebol foi pouco abordado por Freyre, porém sua teoria foi bem aceita no meio literário/intelectual, principalmente entre os escritores de origem

nordestina que trabalhavam diretamente com o esporte, como José Lins do Rego e Mario Filho, os quais, por sua vez, tornaram-se difusores destas ideias manifestadas nas obras de Gilberto Freyre.

II

Se as obras clássicas de Gilberto Freyre são amplamente discutidas no meio acadêmico, devido à sua polêmica posição interpretativa em se tratando do povo brasileiro, a escassa presença do futebol nestes escritos não foge à regra, e assim está sujeita a uma multiplicidade de análises, de acordo com as concepções histórico-sociológicas estabelecidas em contextos históricos diferentes – desde as severas críticas dos marxistas nos anos 1980, que consideravam o futebol objeto de alienação, até a forma como vem sendo utilizada - como fonte primária - por pesquisadores da área de Humanas, o debate mais atual (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001).

Se a complexidade das obras de Gilberto Freyre permite que seus leitores – acadêmicos ou não – interpretem-nas de formas acentuadamente diferentes, questiona-se: como Gilberto Freyre concebia o futebol e sobre ele se manifestava nos seus escritos? Qual a sua proximidade com o esporte? Consequentemente, como, neste caso, pensar a relação entre texto, contexto e leitura? (CANDIDO, 2000).

Parte-se, então, para a primeira e mais direta delas - avaliar qual era a função do futebol na teoria de Gilberto Freyre - para logo em seguida se diagnosticar como este posicionamento é entendido por alguns pesquisadores do futebol.

Primeiramente, vale de novo acentuar que o futebol está presente de forma sutil – para não se usar, prudentemente, o termo secundário – se pensado o conjunto das obras de Gilberto Freyre. São breves ensaios, rápidos comentários em livros (FREYRE, 1947; FREYRE, 1967; FREYRE, 1968), crônicas publicadas em jornais (a maioria no Diário de Pernambuco), entrevistas e prefácios, como o da obra *O Negro no Futebol Brasileiro* (RODRIGUES FILHO, 1964) que, mesmo usada como referência historiográfica (SOARES, 2001 apud HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001), não ultrapassa o

limite de quatro páginas. Assim, grosso modo, se a produção de Freyre acerca do futebol fosse pensada quantitativamente, poderia ser considerada irrelevante, já que esse autor produziu mais de setenta obras literárias.

Aparentemente, de forma paradoxal, são raríssimas as menções à única obra de Freyre escrita especificamente sobre o futebol: *Enfoque Sociológico do Futebol*, publicada em 1945. Ademais, menções a este livro só foram encontradas em alguns endereços eletrônicos (URL), inclusive o da própria Biblioteca Virtual Gilberto Freyre (<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/>), vinculada à Fundação Gilberto Freyre, e nenhum destes *sites* citava a referência bibliográfica completa. Desta forma, sua existência só pode ficar no plano especulativo.

Estes excertos, embora diminutos, merecem atenção, pois vão servir de base para a concepção que outros segmentos populacionais (inclusive outros intelectuais e/ou literatos) teriam em relação ao futebol, tornando-se, neste sentido, mais do que um macromodelo explicativo, uma fonte histórica carregada de simbolismos e – por que não? – ideologias. Como fonte, evidencia-se um metafórico diálogo com os tais escritos freyreanos, na busca de indícios que comprovem que Freyre teve papel indireto, porém incisivo, no estabelecimento de uma identidade nacional, entre as décadas de 1940 e 1970, na qual o futebol, ao lado do carnaval e da capoeira, era elemento primordial, como explicita diretamente o ensaísta:

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol [...] (FREYRE, 2003 apud RODRIGUES FILHO, 2003, p. 25).

Para que esta identidade pudesse ser composta era necessário que Freyre contrapusesse o modelo que considerava genuinamente nacional ao do “outro”. Sendo assim, vai buscar no europeu, especificamente no futebol praticado pelo inglês, ao mesmo

tempo, o cerne da prática esportiva no Brasil e o contraponto ao estilo brasileiro de jogar futebol.

A grande explicação é que o brasileiro recebeu o jogo inglês chamado ‘football’ e toda terminologia em língua inglesa. Depois é que o brasileiro abraçou. Mas o brasileiro não abraçou somente a terminologia. O brasileiro criou o futebol, e criando o futebol, aproximou esse jogo – que para os ingleses era um jogo hirto, reto – de uma dança. O futebol brasileiro é realmente uma dança, com grande influência do samba. Você vê sua beleza, pois é um jogo que exercita muito a capacidade improvisadora do jogador. Vários especialistas, que às vezes têm tomado conta do futebol brasileiro e querem fazê-lo voltar a ser um jogo europeu, criticam seu estilo. Pra mim é uma virtude. O brasileiro adaptou o futebol à sua própria vocação para a dança, para o baile, para a agilidade nos pés e nas pernas (FREYRE, 1983, [2 f]).

Assim, décadas depois de escrever seus primeiros pareceres sobre o futebol, Freyre ainda reiterava a sua tese de que, metaforicamente, o *football* de origem inglesa, inserido no Brasil no início do século XX e severamente regrado – ou, segundo o viés elisiano, elemento com uma carga altamente civilizatória – havia rapidamente se adaptado à cultura brasileira e se transformado no futebol, aquele amálgama de atividade competitiva do pós-revolução industrial com o típico samba e capoeira brasileiros.

Neste sentido, Freyre lança duas categorias polares da antropologia cultural, a apolínea e a dionisiaca, para explicar as transformações do futebol brasileiro. As categorias não eram originais, Gilberto Freyre tinha se pautado no sistema estruturalista da antropóloga americana Ruth Benedict, remetendo o estilo de jogar rígido inglês à categoria apolínea e o jogo gingado brasileiro, consequentemente, à dionisiaca.

Acontece agora com o futebol inglês que, como frisei numa tentativa de interpretação da alma brasileira, quando jogado por brasileiros, e especialmente

por brasileiros de origem negra africana, como Pelé e outros rapazes de cor, é mais uma dança onde o dançarino se sente livre de variar, só ou em conjuntos de dois ou três jogadores, os passos convencionais, e não já o jogo sistemático, uniforme dos nórdicos. Ou, se utilizarmos a terminologia antropológica de Ruth Benedict, tornou-se um jogo dionisiaco e não apolíneo, como era a sua forma original ou ortodoxa europeia. Tornou-se brasileiro e por aí tropical. Não devíamos esquecer, neste contexto, que os primeiros missionários católicos no Brasil adaptaram alguns jogos dos ameríndios, incluindo o uso de bolas de borracha (FREYRE, 1967, p. 218)

Estas categorias, usadas inicialmente no prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro*, iriam permear todos os textos e depoimentos de Gilberto Freyre sobre o futebol até a década de 1980; ou seja, o escritor iria se manter fiel ao modelo explicativo pautado na teoria de Ruth Benedict até o final da sua vida.

O mesmo pode-se dizer do que se tornou um modo caracteristicamente brasileiro de jogar futebol: um modo influenciado pelo ânimo dionisiaco, dançarino, festivo de afronegro que, no Brasil, pode-se dizer ter contrariado o ânimo apolíneo britânico. É como uma espécie de bailarino da bola que o brasileiro vem criando um futebol já universalmente famoso. E nacionalmente brasileiro (FREYRE, 1980, [1 f]).

Comumente, Gilberto Freyre usava como exemplo deste estilo de jogo apolíneo/dionisiaco algum atleta. Foi assim no prefácio da obra de Mario Filho, onde as referências foram Domingos da Guia – que foi comparado a Machado de Assis no seu estilo “quase” inglês – como o exemplo de apolíneo, embora no transcorrer da comparação Freyre tenha visto no atleta “uma impossibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação” (FREYRE, 2003 apud RODRIGUES FILHO, 2003, p. 25); e também Leônidas, o dionisiaco: “A dança dançada baianamente por um Leônidas” [...]

(FREYRE, 2003 apud RODRIGUES FILHO, 2003, p. 25). Em outra circunstância, era atribuindo a um técnico a condição de apolíneo:

[é um erro o desejo de] um Brasil de todo lógico, racional, cientificista nos seus modos de ser religioso, político, artístico, culinário. E, até, no seu futebol: o erro, a meu ver, do aliás, sob vários aspectos – o de disciplinador, por exemplo – admirável capitão Cláudio Coutinho (FREYRE, 1978, [1 f]).

Na utilização de tais categorias, Freyre chegou até a fazer associações mais ousadas, como pode ser notado, por exemplo, no trecho abaixo, onde o autor cita Sérgio Buarque de Holanda, associando em um único parágrafo a teoria do autor de Raízes do Brasil, o futebol e as tais categorias antropológicas – sem a menor preocupação com a temporalidade de objetos tão distintos (prova do acentuado grau ensaístico que seus textos apresentavam).

Informa-se na parte da História da Civilização Brasileira, coordenada por Mestre Sergio Buarque de Holanda, dedicada à ocupação holandesa do Brasil, terem as guerrilhas pré-brasileiras que expulsaram o invasor, se distinguindo pela espontaneidade, destreza, agilidade. De onde o comentário que, nesses característicos, teria se verificado antecipação ao estilo coreograficamente dionisíaco, em vez de britanicamente apolíneo, do brasileiro jogar futebol. Isto segundo observação a que dei, eu próprio, há anos, cunho sociológico ou antropológico: observação com que coincide o reparo feito por Waldo Frank de ter o futebol brasileiro alguma coisa de samba, dança afrobrasileira. Não teriam esses característicos de valor esportivo de um homem já brasileiro se antecipado nas guerrilhas do século 17 contra o invasor nórdico? (FREYRE, 1980, [2 f]).

Mas Freyre, para bem definir o que era um dionisíaco, usava como exemplo um atleta com especial predileção: Garrincha. Com isso ele contribuiu para o surgimento de um imaginário acerca do jogador: Garrincha seria a

incorporação viva do personagem Macunaíma de Mario de Andrade – o anti-herói mestiço brasileiro que galgava espaço social através da malícia, ginga e malandragem (CASTRO, 1995).

Quem eu creio que foi um grande acrobata, o que é até um paradoxo, já que ele era quase aleijado, foi Garrincha. Você vê que Garrincha tinha momentos em que dançava mais do que Pelé. E dançava com as pernas tortas. Ele tinha lances de bailarino, eu acho que ainda não houve uma justa avaliação de Garrincha. Acho que é preciso, que haja uma grande história do futebol brasileiro, escrita por alguém que saiba escrever literariamente, que entenda o jogo e que se informe sobre fatos históricos, sobretudo, sobre essa transição. Um jogo que começou elitista. Os rapazes ricos que iam à Europa trouxeram a novidade e só sabiam jogar imitando os ingleses, estes elitistas. Daí, o jogo numa transição magnífica que honra o Brasil, passa a ser um jogo quase contrário ao jogo originalmente inglês. Passa a ser um jogo de grande mobilidade. O jogo inglês é quase parado, paradoxalmente. Vive tantas combinações, que é um jogo de cooperação. Quase não admite a competição, enquanto o futebol brasileiro é competitivo e é aberto, permitindo improvisações. Com essa transformação, o vitorioso, o grande vencedor foi o Brasil, foi o povo brasileiro. É um jogo popular. Tudo está bem contido no caráter, no temperamento, nas vocações do brasileiro (FREYRE, 1983, [2 f]).

A tese freyreana da transformação cultural do futebol negava que a velocidade do esporte se tivesse acentuado a partir da técnica do passe criada pelos escoceses, pois os ingleses, nos primórdios, usavam somente o drible para chegar à meta adversária (MURRAY, 2000). Além disso, manifestava determinado “esquecimento” (ORLANDI, 2001): um ano antes, a Itália havia se sagrado campeã mundial com uma atuação dionisíaca do artilheiro Paolo Rossi – para não falar dos jogadores que ganharam notoriedade exatamente apresentando o mesmo estilo de jogo, como Puskas, Cruyff, Beckenbauer e Maradona, entre vários outros.

Assim, décadas após a publicação dos seus primeiros escritos sobre o futebol, Freyre mantinha o mesmo posicionamento inicial, destacando:

[...] a presença do negro do futebol brasileiro é qualquer coisa de notável. Você vê que várias modalidades de talento foram lideradas por brasileiros de origem negra. Ficou tudo abafado por Pelé, mas antes de Pelé houve vários jogadores realmente notáveis (FREYRE, 1983, [2 f]).

Na Copa da Espanha, em 1982, um ano antes, a seleção brasileira fora muito celebrada (SALDANHA, 2002). Havia jogadores negros como Luizinho, Paulo Isidoro, Serginho, mas o destaque era o meio campo composto por Cerezo, Falcão, Zico e Sócrates – todos jogadores brancos, prova de que Gilberto Freyre pensava atemporalmente ao explicitar sua tese centrada ainda na figura de Pelé.

No mesmo depoimento de 1983, quando questionado sobre a obra *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho, Freyre (1983, [2 f]) argumentou:

É, eu quis muito que ele [Mário Filho] escrevesse essa história. Eu lhe disse, eu escrevo o prefácio – como realmente escrevi –, vai ser um livro, eu estou certo disso, um livro-bomba mesmo. Mas precisava ser bem escrito, literariamente bem escrito, com fatos que não fossem contestados, porque na história de qualquer esporte há sempre dúvida sobre quem foi o maior nesse ou naquele jogo. Tem que ser apurada e não movida pelo entusiasmo de qualquer um por um herói. É um livro que deve fazer parte de uma grande história do futebol brasileiro.

Reforça-se a hipótese de que o sociólogo mantinha o pensamento centrado atemporalmente, no período em que sua teoria a respeito do futebol foi formulada – as décadas entre 1940 e 1960. Dois outros detalhes sobre este depoimento de Freyre são importantes: 1) a obra *O Negro no Futebol Brasileiro* foi escrita após um pedido de Freyre a Mário Filho que, de forma indireta, admitia a falta de conhecimento empírico do objeto. 2) Estranhamente, a obra é

caracterizada como histórica. Assim, Freyre reforçava uma concepção pouco ortodoxa para a época sobre o que eram a História e a Sociologia (SOARES, 2001 apud HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001).

Partindo-se, então, desta prévia análise, pode-se deduzir que o futebol, para Freyre, não passou por um processo de reformulação em um período superior a 30 anos – o que, definitivamente, não condiz com os apontamentos de vários estudiosos do assunto (PRONI, 2000). Fica também evidente que a utilização do futebol como elemento reforçador da tese da integração racial no Brasil se deu em um caráter de urgência, explicitado através da solicitação de Freyre a Mário Filho. A incidência sobre o tema futebol estava ligada diretamente à demonstração empírica do dito mulatismo (também chamado pelo autor de brasilidade) – conceito tão valorizado nos escritos freyreanos.

No prefácio de *O Negro no Futebol Brasileiro* Freyre apresenta mais subsídios para o entendimento da sua formulação teórica acerca do futebol:

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parapsicológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. O cangaceirismo teria provavelmente evoluído para um gangsterismo urbano, com São Paulo degradada numa sub-Chicago de Al Capones Ítalo-Brasileiros. A capoeiragem, livre de Sampaio Ferraz, teria,

provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob forma de conflitos mais sérios que os antigos entre valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora asfaltadas. O samba teria se conservado tão particularmente primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para a nossa cultura e para o seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência (FREYRE, 2003 apud RODRIGUES FILHO, 2003, p. 24-25).

Para Freyre, o futebol, mesmo com as suas características já brasileiras, era um dos elementos responsáveis pelo autocontrole social e pelo refinamento de determinadas condutas culturais como o cangaço, a capoeiragem, o samba e as danças – levando-se em conta, obviamente, a utilização da hipérbole por parte do autor.

Em outro texto assim complementa Freyre (1955, [1 f]):

Dizem os sociólogos que os jogos – ou os estilos de jogos – podem ser classificados, de maneira geral, como "individualistas" (os dos gregos atenienses, por exemplo), "cooperativistas" (os britânicos ou anglo-saxônicos) e "militarista" (os prussianos, os nazistas, os fascistas). De modo que, se os brasileiros, no seu modo de jogar futebol, tendem a ser antes individualistas que cooperativistas, estão em boa companhia: estão com os gregos. [...] Com a gente mais civilizada, mais polida, mais estética que jamais existiu. É certo que para efeitos práticos de vitórias nos torneios internacionais de hoje, caracterizada por uma nítida predominância de padrões anglo-saxônicos [...] Que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? O inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos? De certo que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo,

destacam-se como heróis, exibem-se, como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio como em benefício do grupo. É o que fazem no futebol os Leônidas que assim procedendo, procedem sob o impacto da herança africana de cultura que tende a fazer dos jogos, danças e até bailados; mas sem deixarem de agir dentro uma tradição desportiva marcada em suas origens pelo paradigma grego-ateniense. Aquele que o indivíduo não se dissolve de todo no grupo, mas conserva certas e essenciais liberdades de expressão heróica e de exibição dramática. Sendo assim, não temos os brasileiros de que nos envergonhar, quando se diz do nosso estilo de jogar futebol que dá demasiada expressão às façanhas dos heróis ou bailarinos individuais. Do que precisamos é de conciliar esse individualismo com a disciplina, sem a qual o esforço de um grupo se degrada, afinal, em histeria anárquica.

A extensa citação é necessária para assegurar o entendimento geral do pensamento freyreano. Este evidencia de forma estrutural as categorias de práticas esportivas individualista, militarista e cooperativista e destaca que o estilo brasileiro é o individualista. No final do texto ele tenta articular as duas categorias – a individualista e a cooperativista – não levando em conta que as duas seriam opostas entre si.

Compreendido como Freyre concebia o futebol no bojo da sua proposta teórica, passa-se, então, a diagnosticar quais foram as leituras e interpretações da sua obra e os reflexos dela na crônica esportiva e, posteriormente no meio acadêmico.

III

Freyre evidenciou em suas obras, sem dúvida, a presença do mestiço (o mulato) como justificativa/solução para a sociedade brasileira. A leitura que vários intelectuais – como José Lins do Rego e Mario Filho – e, posteriormente, pesquisadores fizeram (e ainda fazem) a respeito dos escritos de Freyre relativos ao futebol, é semelhante ao que se faz das teorias explícitas nas suas obras mais clássicas: a de que o autor

estava projetando sobre a integração das raças e etnias presentes no Brasil a alternativa para a prosperidade do País e seu posicionamento no cenário internacional. Para isso, a inserção do mulato na sociedade, com a conquista de espaço, e a introdução de elementos da cultura escrava, seriam o indício da formação do novo modelo de Brasil – seguindo aquela linha temporal contínua (iniciada no longínquo período colonial), formulação que, por sinal, custou caro ao autor de *Sobrados & Mocambos* (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 155).

A história do futebol, deste modo, pode ser considerada uma metáfora do modelo explicativo linear de Freyre, assim como o espaço rural da casa-grande e o urbano do sobrado: uma ideia central imposta pelo avançado colonizador – no caso do futebol, o inglês (analogia ao patriarca) –, assimilada pelas demais raças, o negro e o indígena, ganhando daí características próprias (a ginga e a malandragem), para, finalmente, tornar-se, a partir deste hibridismo, mais um símbolo que representava o sucesso nacional. Tal desfecho, por sinal, se torna perpétuo, pois, concluído o ciclo de integração e ascensão do mestiço no futebol brasileiro, é negado pela teoria de Freyre qualquer tipo de tensão, crise ou questionamento a respeito dos jogadores brasileiros e seu estilo próprio – dionísíaco – de jogar futebol.

Não obstante, outros pesquisadores das Ciências Sociais, como Luiz Carlos Ribeiro (2002), Antonio Jorge Soares (2004), Fábio Franzini (2003) e Ricardo Lucena (2001), acentuam que a afirmativa anterior – a de que houve, por meio do futebol, uma integração inter-racial, pautada, principalmente, na incorporação de elementos da cultura negra, portuguesa e indígena, e de que este fenômeno ocorreu de forma contínua e praticamente pacífica e espontânea a partir da década de 1930, chegando a um apogeu “utópico” no final da década de 1950 e início dos anos 60, é uma interpretação simplista (para não dizer equivocada) do referencial teórico freyreano.

A análise de tais pesquisadores do esporte, em síntese, ressalta a validade da obra de Freyre enquanto referência socioetnográfica originária principalmente da sua formação no seio da Antropologia Cultural. Destarte, é através de Freyre que surge um novo modelo sociológico

no Brasil, redirecionado, em termos metodológicos; a uma perspectiva cotidiana e dos costumes e, especialmente, centrado nas questões relativas à formação e caracterização da nacionalidade brasileira – nas palavras do próprio Freyre: a brasilidade. É neste contexto que assim se manifesta o autor:

No complexo “casa” está à base do supercomplexo biossocial que constitui o ser brasileiro: o Homem nacionalmente, teluricamente, expressivamente brasileiro que já tanto se distingue pelos seus modos de falar, de andar, de sorrir, de amar, de comer, de sentir, de pensar, de jogar futebol, de dançar samba ou outras danças: a velha ciranda agora renovada, por exemplo (FREYRE, 1979, [1 f]).

É como parte desta brasilidade que o futebol surge como objeto de estudo dos adeptos da teoria de Gilberto Freyre, mesmo que, em muitas oportunidades, simplesmente a título de exemplo.

IV

Ao que parece, após a formulação de sua tese central e o debate intelectual ocorrido nos anos 1930 a 1950, Freyre deixa de utilizar o futebol como referência. Basta lembrar que, em uma entrevista em 1983, ele ainda usava como exemplos Garrincha, Pelé e o livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Filho. Talvez o esporte mais popular do Brasil tenha sido usado para exemplificar e reforçar a dita brasilidade – a identidade nacional pautada na miscigenação – tendo, após as conquistas das Copas do Mundo de 1958 e 1962, chegado ao ápice, consolidando definitivamente a tese de Gilberto Freyre.

Uma reflexão que fica restrita apenas ao campo hipotético: por que o sociólogo Gilberto Freyre iria prefaciá-lo a obra literária de Mario Filho (1947) explicitando a presença do negro no futebol brasileiro como uma condição essencial ao seu desenvolvimento? Alguns pesquisadores indicam que se tratava claramente da questão racial (HELAL, 2001, apud HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001; DAMATTA, 1982) – interpretação contradita por Antonio Jorge Soares, que considerou o problema do

racismo secundário, observando que a principal questão era a construção de uma identidade tipicamente brasileira (SOARES, 2001, apud HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001).

Não obstante, mesmo tendo-se constatado que a finalidade da obra *O Negro no Futebol Brasileiro* poderia ter sido um meio explícito de atribuir grau de importância àqueles que, por décadas, haviam permanecido à margem da prática futebolística e/ou, implicitamente, às margens dos ideais de nacionalidade, e que havia uma necessidade intrínseca de formar uma nova identidade, apenas alguns anos depois, no final da Copa de 1950, os atletas negros seriam responsabilizados pela crônica esportiva como os grandes culpados pela derrota brasileira, inclusive por alguns jornalistas e cronistas que haviam sofrido certa influência da teoria da

integração racial de Freyre (MUYLAERT, 2000). Isso significa que a formulação teórica de Gilberto Freyre ainda não havia sido incorporada pelos literatos do seu círculo de convívio e que ainda predominava a ideia de que a Europa era um exemplo de civilização, tanto que, no caso da Copa do Mundo, na opinião daqueles literatos, o Uruguai havia se sagrado vencedor porque estava mais avançado neste processo de apropriação dos valores culturais dos países mais civilizados.

O mérito, então, surge somente após as conquistas de 1958 e 1962, tornando Mario Filho e, conseqüentemente, Gilberto Freyre, ícones da intelectualidade brasileira. A teoria da integração racial, reforçada pela presença de atletas como Pelé, Garrincha e Didi, ganhou um tom profético.

THE SOCCER FROM AN INTELLECTUAL POINT OF VIEW: GILBERTO FREYRE AND THE IDEAL OF RACIAL INTEGRATION

ABSTRACT

This paper analyses Gilberto Freyre's texts regarding soccer. It is noted that the writer used this cultural element to reassure his thesis on the perfect racial integration model in Brazil. Because Freyre did not have enough knowledge about soccer, he recruited several intellectuals – such as José Lins do Rego and, specially, Mario Filho – to write about this sport in Brazil and therefore confirm his theoretical model.

Keywords: Soccer. Gilberto Freyre. Brazilianship.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Quatro, 2000.

CASTRO, R. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHIAPPINI, L.; BRESCIANI, M. S. **Literatura e cultura no Brasil**: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.

DAMATTA, R. et al. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRANZINI, F. No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística. **Lecturas: Revista Digital de Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, ano 5, n. 26, out. 2000. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 8 fev. 2003.

FREYRE, G. Ainda a propósito de futebol brasileiro. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, jun. 1955. Disponível em: <www.fgf.org.br>. Acesso em: 8 fev. 2003.

FREYRE, G. Batendo bola com o Mestre. **Jornal do Comércio**, Recife, maio 1983. Caderno de Esportes. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1004/es1004x.htm>. Acesso em: 6 fev. 2003.

FREYRE, G. **Casa-Grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FREYRE, G. Folclore e esporte. **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, ago. 1968. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/>. Acesso em: 4 maio 2004.

FREYRE, G. **Homem, cultura e tempo**. Lisboa: Casa Portuguesa, 1967. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/homem_cultura_tempo>. Acesso em: 6 maio 2004.

FREYRE, G. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FREYRE, G. **Oh de casa! em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. Disponível em: <www.fgf.org.br>. Acesso em: 27 out. 2002.

FREYRE, G. Possibilidades esportivas dentro de tradições brasileiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ago. 1980. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos>. Acesso em: 6 maio 2004.

FREYRE, G. Prefácio de o negro no futebol brasileiro. In: RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

- FREYRE, G. Santo e guerreiro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, set. 1978. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa>. Acesso em: 6 maio 2004.
- FREYRE, G. **Sobrados e mocambos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.
- FREYRE, G. **Sociologia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947.
- HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LUCENA, R. **O esporte na cidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- MALERBA, J. (Org.). **A velha história: teoria, método e historiografia**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- MARANHÃO, T. Apolo versus dionísio no campo da história: o futebol em Gilberto Freyre. **Lecturas: Revista Digital de Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, ano 10, n. 73, jun. 2004. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 4 mar. 2005.
- MURRAY, B. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.
- MUYLAERT, R. **Barbosa: um gol faz cinquenta anos**. São Paulo: TCM Comunicação, 2000.
- OLIVEIRA, L. L. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2002.
- OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2000.
- RIBEIRO, L. C. Brasil: futebol e identidade nacional. **Lecturas: Revista Digital de Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, ano 8, n. 56, jan. 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 fev. 2003.
- RIBEIRO, L. C. **O futebol entre a cordialidade e a malandragem**. Curitiba, 2002. Digitado.
- RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SALDANHA, J. **O trauma da bola**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2002.
- SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SENNETT, R. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SOARES, A. J. **Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre**. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2004.
- VELOSO, M.; MADEIRA, A. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Recebido em 24/07/2009
Revisado em 11/02/2010
Aceito em 20/03/2010

Endereço para correspondência: André Mendes Capraro. Praça da Ucrânia, 44, apto 111, Bigorrrilho, CEP 80730-430, Curitiba-PR, Brasil. E-mail: andrecapraro@onda.com.br